

“CREIO”: A OBEDIÊNCIA DA FÉ; CRER NO PAI, NO FILHO E NO ESPÍRITO SANTO

142-152



INTRODUÇÃO

Até agora estudamos juntos a Revelação divina que é uma iniciativa amorosa de Deus finalizada a estabelecer com o ser humano uma comunhão de vida. Deus vem ao encontro do homem como amor que se propõe, como liberdade que se oferece, como graça que quer fazer de seu interlocutor um parceiro da Aliança. É a própria autorrevelação divina que reclama a livre e responsável resposta do homem, resposta essa que chamamos de fé.

Começamos agora a estudar o ato de fé com o qual a pessoa humana se entrega confiantemente ao Deus que se revela. A fé é a resposta afirmativa, amorosa e acolhedora, é o consciente e responsável abandono de si a Deus. Como ato de confiança total, a fé sempre exige a coragem de correr o risco de apostar tudo por Deus.

A fé toca a nossa existência naquilo que está na base de todas as nossas relações: a capacidade e a experiência de confiar em outros. Com Efeito, sem uma confiança de base nas pessoas e nas instituições, a existência se torna quase insuportável. A fé em Deus é o exercício de nossa capacidade de nos confiar totalmente no Outro em nome do amor.

TEXTO 142-152

CAPÍTULO TERCEIRO

A RESPOSTA DO HOMEM A DEUS



142. *Pela sua revelação*, «Deus invisível, na riqueza do seu amor, fala aos homens como amigos e convive com eles, para os convidar e admitir à comunhão com Ele» (DV 2). A resposta adequada a este convite é a fé.

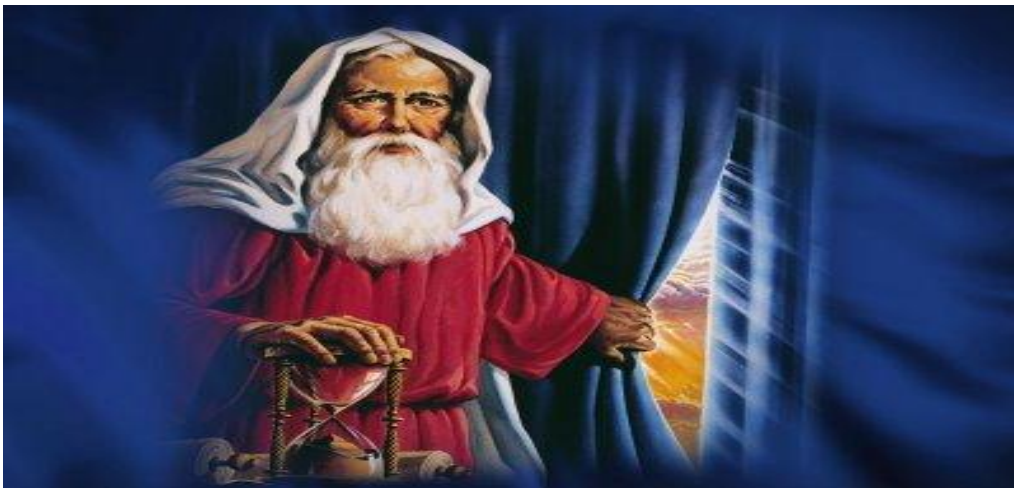
143. *Pela fé*, o homem submete completamente a Deus a inteligência e a vontade; com todo o seu ser, o homem dá assentimento a Deus revelador (cf. DV 5). A Sagrada Escritura chama «obediência da fé» a esta resposta do homem a Deus revelador (cf. Rm 1,5; 16,26).

ARTIGO 1: EU CREIO

I. A «obediência da fé»

144. Obedecer (*ob-audire*) na fé é submeter-se livremente à palavra escutada, por a sua verdade ser garantida por Deus, que é a própria verdade. Desta obediência, o modelo que a Sagrada Escritura nos propõe é Abraão. A sua realização mais perfeita é a da Virgem Maria.

ABRAÃO – «O PAI DE TODOS OS CRENTES»



145. A Epístola aos Hebreus, no grande elogio que faz da fé dos antepassados, insiste particularmente na fé de Abraão: «Pela fé, Abraão *obedeceu* ao chamamento de Deus, e partiu para uma terra que viria a receber como herança: partiu, sem saber para onde ia» (Hb 11,8; cf. Gn 12,1-4). Pela fé, viveu como estrangeiro e peregrino na terra prometida (cf. Gn 23,4). Pela fé, Sara recebeu a graça de conceber o filho da promessa. Pela fé, finalmente, Abraão ofereceu em sacrifício o seu filho único (cf. Hb 11,17).

146. Abraão realiza assim a definição da fé dada pela Epístola aos Hebreus: «A fé constitui a garantia dos bens que se esperam, e a prova de que existem as coisas que não se veem» (Hb 11,1). «Abraão acreditou em Deus, e isto foi-lhe atribuído como justiça» (Rm 4,3; cf. Gn 15,6). «Fortalecido» por esta fé (Rm 4,20), Abraão tornou-se «o pai de todos os crentes» (Rm 4,11.18; cf. Gn 15,5).

147. O Antigo Testamento é rico em testemunhos desta fé. A Epístola aos Hebreus faz o elogio da fé exemplar dos antigos, «que lhes valeu um bom testemunho» (Hb 11,2.39). No entanto, para nós, «Deus previra destino melhor»: a graça de crer no seu Filho Jesus, «guia da nossa fé, que Ele leva à perfeição» (Hb 11,40; 12,2).

MARIA – «FELIZ AQUELA QUE ACREDITOU»



148. A Virgem Maria realiza, do modo mais perfeito, a «obediência da fé». Na fé, Maria acolheu o anúncio e a promessa trazidos pelo anjo Gabriel, acreditando que «a Deus nada é impossível» (Lc 1,37; cf. Gn 18,14) e dando o seu assentimento: «Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra» (Lc 1,38). Isabel saudou-a: «Feliz aquela que acreditou no cumprimento de quanto lhe foi dito da parte do Senhor» (Lc 1,45). É em virtude desta fé que todas as gerações a hão de proclamar bem-aventurada (cf. Lc 1,48).

149. Durante toda a sua vida e até à última provação (cf. Lc 2,35), quando Jesus, seu filho, morreu na cruz, a sua fé jamais vacilou. Maria nunca deixou de crer «no cumprimento» da Palavra de Deus. Por isso, a Igreja venera em Maria a mais pura realização da fé.

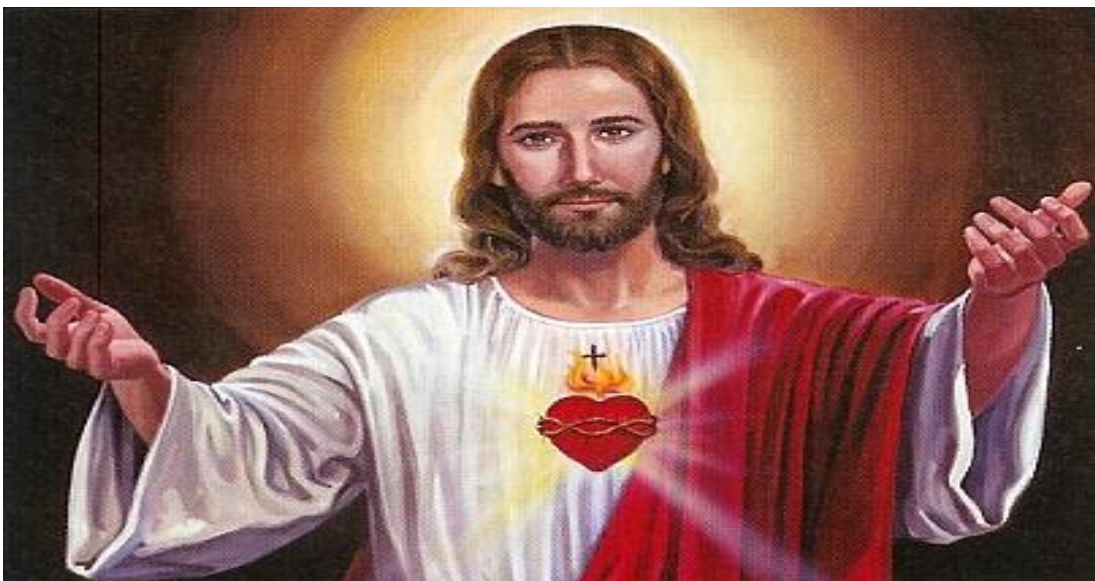
II. «Eu sei em quem pus a minha fé» (2Tm 1,12)

CRER SÓ EM DEUS



150. Antes de mais, a fé é uma *adesão pessoal* do homem a *Deus*. Ao mesmo tempo, e inseparavelmente, é o *assentimento livre a toda a verdade revelada por Deus*. Enquanto adesão pessoal a Deus e assentimento à verdade por Ele revelada, a fé cristã difere da fé numa pessoa humana. É justo e bom confiar totalmente em Deus e crer absolutamente no que Ele diz. Seria vão e falso ter semelhante fé numa criatura (cf. Jr 17,5-6; Sl 40,5; 146,3-4).

CRER EM JESUS CRISTO, FILHO DE DEUS



151. Para o cristão, crer em Deus é crer inseparavelmente n'Aquele que Deus enviou – «no seu Filho muito amado» em quem Ele pôs todas as suas complacências (cf. Mc 1,11): Deus mandou-nos que O escutássemos (cf. Mc 9,7). O próprio Senhor disse aos seus discípulos: «Acreditais em Deus, acreditai também em Mim» (Jo 14,1). Podemos crer em Jesus Cristo, porque Ele próprio é Deus, o Verbo feito carne: «A Deus, nunca ninguém O viu. O Filho Unigénito, que está no seio do Pai, é que O deu a conhecer» (Jo 1,18). Porque «viu o Pai» (Jo 6,46), Ele é o único que O conhece e O pode revelar (cf. Mt 11,27).

CRER NO ESPÍRITO SANTO



152. Não é possível acreditar em Jesus Cristo sem ter parte no seu Espírito. É o Espírito Santo que revela aos homens quem é Jesus. Porque «ninguém é capaz de dizer: "Jesus é Senhor", a não ser pela ação do Espírito Santo» (1 Cor 12,3). «O Espírito penetra todas as coisas, até o que há de mais profundo em Deus [...]. Ninguém conhece o que há em Deus senão o Espírito de Deus» (1Cor 2,10-11). Só Deus conhece inteiramente Deus. Nós cremos *no* Espírito Santo, porque Ele é Deus.

A Igreja não cessa de confessar a sua fé num só Deus, Pai, Filho e Espírito Santo.





REVISANDO TEMAS

1. A obediência da fé

O Catecismo define a fé como “obediência”. Para compreender bem o significado e riqueza desse termo é preciso recordar o texto de Rm 10,14-17.

Como invocarão, se nele não creram? Como crerão, se não ouvirem falar dele? Como ouvirão, se ninguém lhes anuncia? Como anunciarão, se não os enviam? Como está escrito “que belos os pés dos mensageiros de boas notícias!” Só que nem todos responderam à boa notícia. Isaías diz: “Senhor, quem acreditou em nosso anúncio? A fé entra pelo ouvido, ouvindo a mensagem do Messias.

A fé consiste no “escutar” a palavra da pregação que nos conduz à “obediência”. Vice-versa a obediência leva à escuta da pregação.

Para chegar à fé não basta um processo reflexivo puramente racional, mas é necessária uma conversão interior e radical. Por isso, pode-se dizer que a fé é ato da vontade, uma atividade do homem que livremente se submete à vontade divina e que se entrega pessoalmente a Deus. Essa entrega confiante compromete o homem todo.

A obediência da fé pode ser também descrita como opção fundamental, que é uma decisão total que empenha irrevogavelmente a liberdade do homem. A opção fundamental é uma opção absoluta, ou seja, ela torna o resto relativo; ela unifica toda a existência; dá sentido aos atos e atitudes; tem momentos fortes, mas não se esgota neles; é definitiva, não provisória, mas pode progredir ou regredir.

É uma atitude pessoal que imprime uma orientação nova e definitiva à vida do homem; surge no mais profundo da sua liberdade uma vez que é internamente convidado pela graça divina; abrange toda a pessoa humana, em sua inteligência, vontade e ação. Por isso, ao aceitar as exigências de Deus, o homem não vê nelas mandamentos impostos, mas o convite a uma coerência na vida.

2. A fé segundo o Antigo e o Novo Testamento

Na Bíblia encontramos dois exemplos de fé: Abraão e Maria.

A vida de Abraão (Gn 15,1-21; Rm 4,18-25) reflete o que a Bíblia entende por fé. Abraão acreditou em Deus que lhe prometera uma descendência apesar da idade avançada, dele e a de Sara. Acreditando, Abraão se confia a Deus e se abandona à sua palavra e, ao mesmo tempo, tem plena certeza de que a promessa feita será cumprida. Assim a fé

de Abraão compreende a confiança total nas promessas divinas, a obediência à palavra que Deus lhe dirige, e o conhecimento dEle nos acontecimentos da vida.

Crer é um ato com o qual se conhece Deus no seu agir concreto e histórico; consiste em reconhecer a verdade da palavra e da promessa de Deus na sua ação concreta e histórica.

A fé não é um ato isolado e teórico. Pelo contrário, constitui uma orientação fundamental de confiança e de certeza que envolve toda a existência de quem crê. Em outras palavras, crer significa estar “radicado” em Deus. Toda existência do fiel se realiza de modo consciente nesse “enraizamento”. Assim o fiel “será como a árvore plantada junto aos canais, que dá fruto em sua estação, e sua folhagem não murcha. Tudo quanto faz prospera” (Sl 1,3).

A fé não exige o sacrifício da razão: “Se eu pensar, não poderei crer”. Para a Bíblia, o conhecimento não é simplesmente teórico, mas está ligado à sua verificação no concreto da vida e do cumprimento das promessas divinas na história do povo.

Mesmo que não se confunda com a razão nem seja um seu resultado, a fé é um ato racional e está de tal forma impregnada de conhecimento que leva o fiel à certeza. Ao se revelar ao homem, Deus não pede que o ser racional renuncie à sua inteligência, mas, pelo contrário, que com uso pleno da sua razão, constate por si mesmo a Sua presença e a Sua fidelidade. “**Sei** que Deus está ao meu lado” (Sl 56,10). “**Reconheço**, Senhor, que teus mandamentos são justos” (Sl 119,75).

O NT aprofunda ainda mais o tema da fé orientando a atenção para o mistério da encarnação da Palavra. Em poucas palavras, fé é ir até Cristo, segui-lo, aceitar seu testemunho, fazer uma opção radical e total diante da pessoa e da missão de Cristo como Filho de Deus; significa acolher a Sua palavra. Em termos concretos comporta o ato de escutar a pregação do apóstolo que anuncia o cumprimento da promessa e se aceita viver conforme essa mensagem (cf. At 2,14-36; 3,12-26; 4,8-12; 5,29-32; etc.).

Nos evangelhos sinóticos a fé é descrita como a confiança que o discípulo deposita no mestre. A fé é assim o ato mediante o qual o fiel se confia totalmente a Deus e à sua palavra mudando radicalmente seu estilo de vida.

No evangelho de João, Jesus ensina a necessidade de “nascer de novo do alto” e que é preciso reconhecê-Lo como aquele “que vem do alto e está acima de todos” (Jo 3,31). Crer é uma atitude na qual confluem o “conhecer”, o “reconhecer”, o “ver”, o “acolher”, o “escutar”, o “tocar”... Trata-se, portanto, de ver o Filho e as obras que realiza para ver a glória do Pai. A escuta da Sua palavra e o ter visto as Suas obras levam a conhecê-Lo e a reconhecê-Lo como o revelador do Pai.

A fé nos abre a um conhecimento sempre maior e a uma sempre mais estreita comunhão com Deus. Ela está ligada ao fato histórico e à historicidade de uma pessoa com a qual estreitamos vínculos pessoais. Por essa pessoa histórica vale a pena deixar tudo para segui-Lo (cf. Jo 1,35-51).

Nas Epístolas de Paulo o tema da fé está ligado ao tema da salvação que, por sua vez, está centrado no mistério da paixão, morte e ressurreição do Senhor. A fé define a identidade do cristão. É uma realidade dinâmica que se inicia na aceitação do batismo e se desenvolve ao longo da vida em um processo de conformação do fiel a Cristo. A fé abre o cristão à missionariedade, tornando assim o discípulo em missionário. A fé depende da pregação do apóstolo e esta, por sua vez, se realiza e se funda na palavra do Senhor. Ela está centrada no evento pascal de Cristo, um evento que é conhecido porque

tem testemunhas diretas, é transmitido pela pregação da Igreja que o torna atual em sua liturgia, vida e martírio.

Por tudo o que foi dito sobre a fé, podemos reconhecer que Maria é a expressão mais sublime e coerente da fé bíblica. Em Maria, a Igreja reconhece como o ato de crer em Jesus deve ser realizado. A Igreja vê em Maria a realização mais coerente da sua resposta a Cristo. Ela assinala o ponto culminante da ação da graça de Deus em uma pessoa. A fé de Maria explicita a concepção cristã da fé.

3. A fé trinitária

A fé é um ato unitário, mas nele podemos distinguir (sem separar) dois aspectos que podem ser tratados pedagogicamente um depois do outro: a fé como **ato com o qual se crê** e a fé como **conteúdo no qual se crê**. Como realidade unitária, a fé é inseparavelmente o ato de crer e o conteúdo no qual se crê, mas é legítimo distinguir esses dois momentos para uma análise mais profunda.

Os parágrafos 150-152 tratam da fé enquanto conteúdo. Crer não consiste em “crer em qualquer coisa”; a fé tem conteúdos explícitos que precisam ser conhecidos e professados. Antes de tudo, o conteúdo da fé cristã consiste na fé na Trindade. O fundamento do nosso crer e o fim último para o qual nós tendemos é o mistério da Trindade.

O que Jesus de Nazaré revela de si como expressão definitiva da Palavra de Deus é a consciência de ser um “enviado” do Pai. Assim, Deus, revelado por Jesus, como Pai, Filho e Espírito Santo é o centro e o mistério próprio da fé. Em torno desse mistério se explicam e se articulam todos os outros mistérios cristãos: a encarnação do Filho e a sua obediência ao Pai até a morte de cruz para ser ressuscitado, a origem da Igreja com a vinda do Espírito em Pentecostes, os ministérios exercidos como dom do Espírito para constituir a comunidade cristã.

O próprio ato de crer consiste exatamente em dar o assentimento refletindo. De fato, quem crê pensa, e crendo pensa e pensando crê... A fé se não é pensada não é nada. Se se tira o assentimento, se elimina a fé, porque sem o assentimento não se dá a fé (Santo Agostino, PL 35,1631.178).

Leitura complementar

Leia a seguir o que o saudoso Papa João Paulo I falou sobre a fé, na audiência geral de quarta-feira, do dia 13 de setembro de 1978. A íntegra do discurso pode ser encontrada em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_i/audiences/documents/hf_jp-i_aud_13091978_po.html

Viver a fé seguindo o Concílio

Houve um poeta, Trilussa, que procurou (...) falar da fé. Numa poesia disse:

*Aquela velhinha cega, que encontrei
na tarde em que me perdi no meio do bosque,
disse-me: – se o caminho não o sabes
vou acompanhar-te eu, que o conheço.
Se tens a força de vir atrás de mim*

*de vez em quando te chamarei,
até lá ao fundo, onde há um cipreste,
até lá acima, onde há uma cruz.*

*Eu respondi: Assim será... mas acho esquisito
que me possa guiar quem não vê...*

*A cega, então, pegou-me na mão
e suspirou: – Caminha. – Era a fé.*

Como poesia, é graciosa. Como teologia, defeituosa. Defeituosa porque, ao tratar-se de fé, o grande condutor é Deus. Não disse Jesus?: “Ninguém pode vir a mim, se o Pai, que me enviou, não o atrair”. São Paulo não tinha a fé, perseguia mesmo os fiéis. Deus espera-o na estrada de Damasco: “Paulo – diz-lhe – não penses sequer em empinar-te, em dar patadas como cavalo desenfreado. Eu sou aquele Jesus que tu persegues. Tenho desígnios sobre ti. É necessário que tu mudes!”. Rendeu-se Paulo; mudou transformando completamente a própria vida. Passados alguns anos, escreverá aos Filipenses: “Daquela vez, na estrada de Damasco, Deus apanhou-me; desde então não faço senão correr atrás d'Ele para ver se dalgum modo O poderei alcançar, imitando-O e amando-O cada vez mais”. Eis o que é a fé: entregarmo-nos a Deus, mas transformando a própria vida. Isto nem sempre é fácil. Agostinho contou a viagem da sua fé; especialmente nas últimas semanas, foi terrível; lendo-o, vemos que a sua alma sentia calafrios e se retorcia em conflitos interiores. Dum lado, Deus que o chama e insiste; do outro, os antigos hábitos, “‘velhos amigos’ – escreve ele –; puxavam-me amavelmente pelo meu vestido de carne e diziam-me: ‘Agostinho, que fazes? deixas-nos sozinhos? Olha que tu não poderás tornar a fazer isto, não poderás tornar a fazer aquilo, assim para sempre!’”. Difícil! Encontrava-me diz – no estado duma pessoa que está na cama, de manhã, Dizem-lhe: ‘Fora, Agostinho, levanta-te!’. Eu replicava: ‘Sim, mais tarde, mais um bocadinho na cama!’. Finalmente o Senhor deu-me um puxão e levantei-me. É preciso não dizermos Sim, mas...; sim, mas mais tarde. E preciso dizer: Senhor, sim! Imediatamente. Tal é a fé: responder com generosidade ao Senhor. Mas quem é que diz este sim? Quem é humilde e confia em Deus completamente!”.

Minha mãe dizia-me: Em pequeno foste muito doente; tive de te levar de médico em médico, e velar-te noites inteiras; acreditas? Como poderia eu dizer: – Mãezinha, não te acredito? Sim, acredito-te, acredito no que me dizes, mas acredito especialmente em ti. Assim é na fé. Não se trata unicamente de crer nas coisas que Deus revelou mas n'Ele, que merece a nossa fé, que tanto nos amou e tanto fez por amor de nós.

Difícil é também aceitar algumas verdades, porque as verdades da fé são de duas espécies: algumas agradáveis, outras desagradáveis ao nosso espírito. Por exemplo, é agradável ouvir dizer que Deus tem por nós tanta ternura, maior ainda que a duma mãe pelos seus filhos, como afirma Isaías. Como é agradável e nos parece natural!

Diante doutras verdades, pelo contrário, há dificuldades. Deus tem de castigar, precisamente se eu Lhe resisto. Ele corre atrás de mim, suplica-me que me converta e eu digo: Não. Quase sou eu que o obrigo a castigar-me. Isto não é agradável, mas é verdade de fé.

E há uma última dificuldade: a Igreja. São Paulo perguntou: – Quem és, Senhor? – Sou aquele Jesus que tu persegues. Uma luz, um relâmpago, atravessou a sua mente. Eu não

persigo Jesus, nem sequer o conheço: quem persigo são os cristãos. Vê-se que Jesus e os cristãos, Jesus e a Igreja, são a mesma coisa: coisa incindível, inseparável.

Lede São Paulo: “O corpo de Cristo que é a Igreja”. Cristo e a Igreja são uma só coisa. Cristo é a Cabeça, nós, Igreja, somos os seus membros. Não é possível ter fé e dizer: eu creio em Jesus, aceito Jesus mas não aceito a Igreja. É preciso aceitar a Igreja, como ela é. E como é esta Igreja? O Papa João chamou-lhe “Mãe e Mestra”. Também Mestra. São Paulo disse: “Considerem-nos todos como ministros de Cristo e administradores dos mistérios de Deus”.

Quando o pobre Papa, quando os Bispos e os Sacerdotes propõem a doutrina, não fazem senão ajudar Cristo. Não é doutrina nossa, é a de Cristo; devemos só conservá-la e propô-la. Eu estava presente quando o Papa João abriu o Concílio a 11 de Outubro de 1962. A certa altura disse: Esperamos que, devido ao Concílio, a Igreja dê um salto para diante. Todos o esperámos; mas salto para a frente, para qual estrada? Explicou-o logo a seguir: sobre as verdades certas e imutáveis. Não pensou sequer que fossem as verdades a caminhar, a andar para a frente, e depois pouco a pouco a ir mudando. As verdades são aquelas determinadas; nós devemos andar pela estrada dessas verdades – compreendendo-as embora cada vez mais, atualizando-nos, propondo-as de forma que se adapte aos novos tempos. (...)

A Igreja é também mãe. Se é continuadora de Cristo e Cristo é bom, também a Igreja tem de ser boa; boa para todos. Mas se, por acaso, alguma vez houvesse na Igreja maus? Contemos ainda com ela, com a mãe. Se a mãezinha está doente, se a minha mãe por acaso viesse a ficar coxa, eu ainda a amaria bem mais. O mesmo, na Igreja: se há, e é verdade que há, defeitos e faltas, não há de desaparecer nunca o nosso afeto para com a Igreja.